

# SAÚDE MENTAL NA UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO ATUAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAMPO DA SUBJETIVIDADE DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS

## MENTAL HEALTH AT THE UNIVERSITY: REFLECTIONS ON THE CURRENT CONTEXT AND ITS IMPLICATIONS IN THE FIELD OF SUBJECTIVITY OF YOUNG UNIVERSITY STUDENTS

Luzia Vieira da Silva Bernardes **1**  
Carlos Mendes Rosa **2**

**Resumo:** Discussões acerca do atual contexto das universidades públicas e seus desdobramentos na saúde mental de seus alunos são propostas neste artigo. Na perspectiva da universidade como espaço de processos singulares de subjetivação, pretendeu-se construir uma reflexão sobre o contexto contemporâneo da universidade, dos processos e encontros promovidos pelo ambiente acadêmico, buscando assim, compreender as implicações desse cenário no campo da subjetividade e seus desdobramentos que afetam a saúde mental dos jovens universitários. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza descritiva, sendo que como metodologia, optou-se por um levantamento bibliográfico e documental, visando contribuir com a compreensão e discussão do tema, em que foi possível verificar que algumas universidades estão reagindo frente a demanda de atendimento dos alunos, por meio de iniciativas de cuidado, prevenção do sofrimento e promoção de saúde nos espaços acadêmicos. Entretanto, essas ações ainda precisam ser institucionalizadas efetivamente.

**Palavras-chave:** Saúde Mental. Universidade. Subjetividade. Jovens Universitários.

**Abstract:** Discussions about the current context of public universities and their consequences on their students' mental health are proposed in this article. From the perspective of the university as a space of singular processes of subjectivation, it was intended to build a reflection on the contemporary context of the university, the processes and encounters promoted by the academic environment, thus seeking to understand the implications of this scenario in the field of subjectivity and its consequences. affect the mental health of young college students. It was a qualitative approach and descriptive research, and as a methodology, we chose a bibliographic and documentary survey, aiming to contribute to the understanding and discussion of the theme, in which it was possible to verify that some universities are reacting to demand for student care, through care initiatives, prevention of suffering and health promotion in academic spaces. However, these actions still need to be effectively institutionalized.

**Keywords:** Mental Health. University. Subjectivity. Young University Students.

Mestrado em Prestação Jurisdicional e Direitos Humanos pela **1**  
Universidade Federal do Tocantins (UFT).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3719145995588057>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3996-008X>.  
E-mail: luziabernardes@uft.edu.br

Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ). **2**  
Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9670898067539382>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2136-9523>.  
E-mail: carlosmendes@uft.edu.br

## Introdução

O contexto atual das universidades públicas no Brasil está marcado por mudanças significativas que afetam diretamente a saúde e a permanência dos estudantes na universidade, dentre elas destaca-se a precarização da educação superior pública e das políticas públicas de assistências aos estudantes e o sucateamento dessas instituições, mostram um cenário crítico, contrário ao que foi construído ao longo da última década, que desconfigura as esperanças do futuro profissional almejado pelos jovens universitários e ameaça a existência das próprias universidades.

Percebendo a universidade como um ambiente múltiplo e complexo, que não se restringe aos espaços físicos do campus, mas atravessa muros e se desdobra em tantos outros espaços sociais, das relações e dos afetos (GOULART, 2019), nos deparamos com a necessidade e a urgência de se dar voz a quem protagoniza a vida universitária e tem sido constantemente silenciado. Os estudantes tem sido cada vez mais cobrados a demonstrar alto rendimento, compromisso e responsabilidade, ao mesmo tempo em que são desvalorizados, fragmentados de sua subjetividade e singularidades e objetificados pela lógica da reprodução que coloniza os espaços acadêmicos (TORRES, 2019). A nova ordem, não só no âmbito da universidade, mas na sociedade como um todo é silenciar. Em todo o contexto social, pelos modos de vida hegemônicos que nos capturam, seja no campo do trabalho, da política, da família, das relações com os outros, a subjetividade vai sendo colocada a margem, relegada ao esquecimento.

Nesse sentido, visando refletir sobre as implicações desse cenário no campo da subjetividade e seus desdobramentos na saúde mental, principalmente dos jovens universitários é que propomos este estudo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, que busca articular temas contemporâneos em uma perspectiva crítica e suscita o seguinte questionamento: como o contexto atual das universidades tem causado implicações na saúde mental e na subjetividade dos jovens universitários?

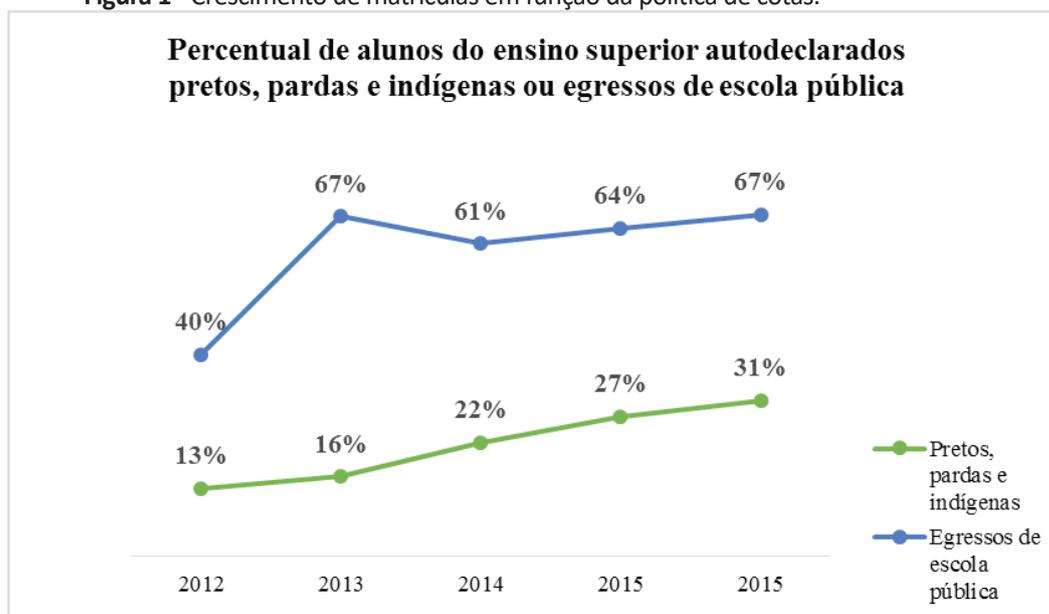
## A universidade hoje: novas configurações, novos desafios

A diversidade enfim, ocupa os espaços acadêmicos, pela primeira vez, estudantes autodeclarados pretos e pardos são maioria nas universidades públicas (MENDONÇA; IBGE, 2019), além dos egressos de escolas públicas. A multiplicidade de realidades culturais, sociais, econômicas e políticas que agora compõem a trama complexa da academia causa um impacto significativo nas relações e nos processos produzidos nesse ambiente. Intensificam-se os conflitos e as fragilidades subjetivas, num ambiente competitivo que desafia e exige resultados a todo momento, e nem sempre oferece recursos e possibilidades para lidar com tais demandas (GOULART, 2019).

Se por um lado a democratização do acesso ao ensino superior público no Brasil, por meio da política pública de cotas e ações afirmativas expressa na lei 12.711 de 2012 (LEAL et. al., 2019), permitiu a chegada à universidade de populações que nunca haviam chegado antes, e os aportes financeiros custeados pelo Governo Federal através de programas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado em 2005, possibilitaram a manutenção, a reorganização e a expansão das universidades públicas (BRASIL, 2005), por outro, esse mesmo movimento de acesso criou também uma demanda de permanência do estudante na universidade, com desdobramentos significativos na saúde e bem-estar desse público que agora, ocupando os espaços acadêmicos, traz consigo não só suas expectativas de aprendizado e formação, mas também suas vulnerabilidades. Algumas das necessidades básicas, como alimentação, saúde, transporte, materiais, lazer e cultura passam a ser promovidas pelas instituições.

A tabela abaixo mostra o crescimento de matrículas no ensino superior público em um período recente de cinco anos.

**Figura 1 - Crescimento de matrículas em função da política de cotas.**



**Fonte:** LEAL et. al. (2019).

Buscando atender esse novo grande público, uma nova proposta de assistência aos alunos universitários foi criada, o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) delimitado em 2007 e formalizado por meio do decreto nº 7.234 somente em 2010, surge para apoiar a permanência dos alunos de baixa renda nos cursos de graduação e assim assegurar que conclua sua formação, uma vez que o programa oferece em suas diversas linhas, assistência à moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico. Sendo que a realização das ações é de responsabilidade das próprias instituições de ensino, que devem acompanhar e avaliar seu desenvolvimento, assim como os critérios e métodos de seleção dos alunos beneficiados (BRASIL, 2010).

A trajetória do acolhimento estudantil, especificamente aos estudantes em situações de vulnerabilidade, a partir da gestão das Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil, é ainda muito recente (ACCORSI, 2015). Embora o programa de assistência possua recursos próprios para sua manutenção, os benefícios oferecidos não atendem a todos os alunos que precisam de algum tipo de auxílio, uma vez que considerando aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais (OLIVEIRA; ROSA; NASCIMENTO, 2019) alguns estudos indicam que 25% dos possíveis alunos do ensino superior são carentes e não conseguem sequer ingressar na universidade, mesmo sendo ela pública (BAGGI; LOPES, 2011).

Entretanto, os fatores de permanência na universidade não são os únicos a causar impactos na vida e na saúde mental dos estudantes, fenômenos como a desterritorialização passam a figurar entre as principais formas de produção de sofrimento e adoecimento, pois os alunos das mais diversas regiões do país se deslocam para estudar e onde chegam encontram desafios muito maiores do que se manter materialmente. Distantes da família e de tudo que lhes é comum, precisam se adaptar a um novo lugar, a novas pessoas, relações e compromissos (ACCORSI, 2015; TORRES, 2019).

Constituem-se assim, diversas situações de vulnerabilidade que se tornam fatores de risco para o adoecimento e o sofrimento dos alunos desde a sua chegada à universidade. Accorsi (2015) aponta que:

Existem fatores de risco para o bem-estar psíquico que são inerentes à vivência universitária, por exemplo: aspecto migratório (o estudante sai de sua cidade de origem e de perto de sua rede de apoio para frequentar a Universidade); adaptação e progresso do estudante; demandas crescentes

de responsabilidade e demandas pedagógicas. Muitas vezes os fatores de risco estão associados a limitações econômicas, sociais e psicológicas; questionamentos sobre a carreira e curso escolhidos; processo de formatura e enfrentamento do mercado de trabalho; medo de fracassar, consumo de álcool e outras drogas, entre outros (ACCORSI, 2015, p.16).

Percebe-se que os fatores que contribuem para o sofrimento e adoecimento dos estudantes são de diversas ordens, desde econômica a pedagógica e afetiva, o que torna complexo o trabalho de identificação e atendimento por parte das instituições. Somam-se ainda a dificuldade nas relações interpessoais que denotam a fragilidade dos vínculos sociais e a liquidez das relações (BAUMAN, 2004); a administração do tempo pelo estudante e de suas atividades acadêmicas e pessoais; a relação professor-aluno, ainda muito semelhante à relação opressor e oprimido, que se reflete na falta de confiança e respeito mútuos e dificulta o avanço e a consolidação de uma educação democrática (FREIRE, 2011); a demanda das redes sociais; a necessidade e a cobrança em “dar conta de entregar várias coisas” durante o processo de formação.

Embora as políticas públicas da educação tenham avançado, sobretudo na educação superior “as formas enrijecidas de lidar com a diferença ainda parecem prevalecer, expressando representações ainda normatizadas sobre o ser humano” (GOULART; ALCANTARA, 2016, p. 07), e se manifestam nas relações de poder, onde a ausência de diálogo e a instrumentalização das relações marcam os processos de subjetivação no ambiente acadêmico.

Além destes fatores, a chegada à vida acadêmica ainda é marcada pelos rituais de acolhimento, os populares trotes, que se tornaram prática comum nas universidades e a depender da forma como são realizados podem se constituir em uma força de destruição da subjetividade dos indivíduos, tanto na forma, como na intenção com que são realizados. E, se por um lado a realização dessa prática é considerada comum, por outro a universidade vem sofrendo um processo de moralização da conduta de sua comunidade, onde festas e eventos passam a ser considerados como perturbação, meios para o consumo de drogas lícitas e ilícitas e excessos no espaço acadêmico (GOULART, 2019). Esta estratégia de moralização, torna-se clara quando o Governo Federal resolve atribuir os cortes no orçamento das universidades federais usando como justificativa a “balburdia” que seria própria a essas instituições (AGOSTINI, 2019).

Todo esse contexto mostra que modelos hegemônicos como o da produção e reprodução, bem como a normatização ainda se expressam permanentemente, passam quase que despercebidos, mas estão presentes, arraigados no modo instrumental de tratar pessoas e conduzir processos, insistindo em silenciar, tornando-se efetivos em oprimir e reprimir relações, sujeitos, sentidos e subjetividades. Para Goulart (2019) a universidade enquanto instituição tornou-se uma máquina de produção sem vida, tecnicista e higienista, burocratizando seus processos e instrumentalizando as relações para reproduzir apenas, que ao invés de criar envolvimento e afeto, cria sofrimento, dor e morte.

Percebe-se que a universidade adotou a clássica representação capitalista e neoliberalista do *self made man*, onde os alunos são postos como empreendedores de si mesmos, devendo alcançar a máxima eficiência e eficácia em seu “trabalho acadêmico”, otimizando seus recursos para potencializar lucros/resultados, movimento este denominado por Laval (2019), como o neoliberalismo escolar, em que as instituições de ensino são pressionadas a atender as necessidades do capitalismo contemporâneo. A competição se instaura como pressuposto de igualdade, alunos e escolas competem entre si, assim, produtos como testes e provas padronizadas e sistemáticas e os *slogans* de capital humano, competências e habilidades se constituem como estratégias para atender aos interesses do mercado, subvertendo os ideais de formação e emancipação dos estudantes, pilares da educação.

As consequências desse movimento aparecem nos números alarmantes de sofrimento psíquico, adoecimento, tentativas e concretude de suicídios de jovens universitários. Santos et. al. (2017), aponta que o suicídio já representa a segunda maior causa de óbito entre estudantes universitários, “o que é bastante preocupante, devido a toda potencialidade destes jovens e da perspectiva de anos a serem vividos” (SILVA; GHIZONE, 2019, p. 164).

No Brasil, o número de mortes por suicídio cresce a cada dia, foram cerca de 11 mil mortes em 2016, sendo a 4ª maior causa de morte registrada entre pessoas de 15 a 29 anos, segundo relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), o que é grave, tendo em vista que as mortes por suicídio são consideradas evitáveis (OMS, 2017). O contexto da universidade tem apresentado números que corroboram com esta realidade, dados mais recentes sobre a saúde mental dos estudantes mostram que o número de mortes por suicídio entre os jovens universitários cresceu significativamente nos últimos anos em várias regiões do país. Como relata Dutra (2012), aumentam as notícias sobre suicídios de estudantes que circulam na internet, por meio das mídias sociais.

Corroborando com este cenário, dados do relatório da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (ANDIFES, 2014), revelam uma situação crítica no que se refere a aspectos de vulnerabilidade e dificuldades enfrentadas pelos estudantes no contexto acadêmico. No que tange a fatores socioeconômicos, a pesquisa mostra que 42,21% dos universitários passam por dificuldades financeiras, sendo que 18,33% possuem dificuldades de acesso a materiais e meios de estudos; 51,73% dependem da rede pública de saúde para atendimentos. Dos participantes, 21,85% encontram dificuldades na adaptação a novas situações, como a separação da família, a mudança de cidade, a nova moradia. Dificuldades de ordem pedagógica também apresentaram altos índices, como carga excessiva de trabalhos estudantis com 31,14% e dificuldades de aprendizado com 16,22%. Quanto a relacionamentos interpessoais 17,66% possuem dificuldade e 19,8% refere-se à relação professor-aluno.

A pesquisa mostra ainda, números significativos em relação a dificuldades emocionais presentes na vida acadêmica, sendo a ansiedade com maior número 58,36%; dentre estas destacam-se ainda: 32,57% relataram insônia ou alterações no sono, apresentaram sensação de desamparo/desespero/desesperança (22,55%); apresentaram desânimo/falta de vontade de fazer as coisas (44,72%) e sentimento de solidão (21,29%). Embora apresentem números relativamente menores, dois resultados merecem atenção: 59.969 ou 6,38% do total dos estudantes pesquisados apresentaram ideia de morte e 38.838 ou 4,13%, relataram pensamento suicida.

Percebe-se que os estudantes universitários enfrentam uma dura realidade, marcada por dificuldades de toda ordem e precisam buscar meios para resistir as adversidades. Accorsi (2013), aponta que em face do crescente número de casos de adoecimento que chegam a culminar em suicídio, a população universitária tem buscado suporte para atender suas dificuldades, porém muitas vezes não encontra locais apropriados, dentro de suas instituições, pois nem todas as universidades possuem programas ou serviços de atenção em saúde mental.

## **Diálogos sobre saúde mental na universidade: buscando iniciativas de cuidado**

Devido a intensificação dos processos de adoecimento, tentativas de suicídio e suicídio, as universidades perceberam a necessidade de atender essa nova demanda e para isso, contar apenas com a política nacional de assistência estudantil - PNAES, que regulamenta as ações institucionais de apoio aos estudantes, não é suficiente, é preciso criar alternativas práticas não só para minimizar a situação, mas que busquem prevenir o sofrimento e o adoecimento, promovendo saúde por meio de espaços de escuta e de fala, dos encontros e da construção de relações que permitam o desenvolvimento de processos de subjetivação e significação das experiências dos alunos. Nesse aspecto, Oliveira, Rosa e Nascimento (2019, p. 148) ressaltam “a escassez de dispositivos institucionais que permitam a prevenção do sofrimento psíquico, principalmente com um caráter que possibilite as múltiplas manifestações da singularidade humana”.

Algumas estratégias de cuidado são muito interessantes para esse contexto, como é o caso dos grupos terapêuticos, que podem ser realizados nas próprias universidades e necessitam de pouca infraestrutura (OLIVEIRA; ROSA ; NASCIMENTO, 2019). Para os autores:

Os grupos terapêuticos mostram-se como estratégias viáveis para o trabalho de prevenção ao sofrimento psíquico e promoção da saúde aos discentes, somados aos dispositivos artísticos e lúdicos, buscando métodos que considerem

as singularidades locais e que possam tornar o ambiente acadêmico um espaço mais humanizado (OLIVEIRA; ROSA; NASCIMENTO, 2019, p. 149).

Outras estratégias são inovadoras, como a disciplina Tópicos Especiais em Engenharias: Felicidade, criada pela Universidade de Brasília (UNB), inspirada em experiências similares das universidades norte-americanas de Harvard e Yale. Ofertada no segundo semestre de 2018 no Campus Gama, onde se concentram os cursos da área das engenharias, a disciplina foi a primeira deste tipo a ser realizada por uma instituição pública e dá início a uma nova “abordagem acadêmica”, que objetiva proporcionar aos estudantes um espaço para vivências favoráveis a uma boa qualidade de vida no ambiente acadêmico, bem como condições para lidar com os eventos estressores da vida acadêmica e pessoal, tendo como foco o autoconhecimento, o afeto, o cuidado, a solidariedade e o respeito as diferenças (PIMENTA, 2018).

Adotando a mesma estratégia, a Universidade de São Paulo (USP) criou no primeiro semestre de 2019 a disciplina Do Estresse à Boa Saúde Mental na Universidade, como diferencial, a disciplina não foi “vinculada a nenhuma unidade de ensino específica, mas à Universidade como um todo” (USP, 2019), além de não possuir pré-requisito para a matrícula, pode ser cursada por alunos de todos os cursos de graduação.

Na mesma linha, a Universidade Federal do Tocantins ofereceu aos alunos de graduação, a disciplina Prazer e Sofrimento na Universidade, ofertada no primeiro semestre de 2019 para as graduações de administração e jornalismo do Campus de Palmas-TO e no segundo semestre deste ano, foi estendida às graduações de medicina e engenharias, do mesmo campus. Tendo como objetivo levantar o perfil dos estudantes de graduação que participaram desta experiência, buscando elencar quais as principais dificuldades enfrentadas por eles e quais as possíveis fontes de prazer e de sofrimento na vida acadêmica, propondo intervenções dentro e fora da universidade. Para fundamentar a iniciativa da disciplina, Silva e Ghizoni (2019), partem do pressuposto de que a atividade acadêmica e o estudar, tanto para os alunos de graduação, quanto de pós-graduação caracteriza-se como um trabalho.

Em estudo publicado recentemente, Leão, Iani e Goto (2019) apontam que disciplinas que tratam do tema sofrimento e suicídio na universidade, podem se constituir como espaços para o conhecimento e o debate sobre esses fenômenos, permitindo que se amplie o diálogo, a fim de combater o estigma, construindo assim espaços onde os estudantes possam se organizar coletivamente “em torno das demandas que associam com o sofrimento. Não apenas para demandar e consumir políticas universitárias, mas para atuar com protagonismo na elaboração, planejamento, execução e fiscalização destas políticas” (LEÃO; IANI; GOTO, 2019, p. 140).

Observa-se que a criação de novos setores de atendimento, programas e atividades voltadas ao atendimento dos alunos estão entre as iniciativas de algumas instituições e foram, em sua maioria, efetivadas a partir de 2018, a partir do aumento significativo dos casos de tentativas e suicídios entre os estudantes associado ao crescimento da demanda por atendimento às situações de sofrimento e adoecimentos. Dentre elas a USP criou o Escritório de Saúde Mental (ESM); a UNB criou a Diretoria de Atenção à Saúde (DASU), e a Universidade Federal do Tocantins (UFT), criou o Programa de Promoção a Vida e a Saúde Mental - Programa Mais Vida (UFT, 2019).

Analisando a experiência da USP, verifica-se que o ESM foi criado em um momento em que as notícias sobre comportamento suicida e adoecimento mental entre os estudantes universitários vieram à tona, ao serem veiculadas a nível nacional por jornais como o Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo (LEÃO; IANI ; GOTO, 2019). Como resposta institucional, criou-se um projeto de acolhimento aos estudantes, a partir da união de esforços dos Institutos de Psicologia e Psiquiatria, com o objetivo de prevenir o sofrimento, acolher e orientar os estudantes (USP, 2018).

De acordo com o site oficial do programa, o ESM “está vinculado a Pró-reitora de Graduação da Universidade de São Paulo e trabalha na prevenção de sofrimentos, orientação e acolhimento aos estudantes de graduação e pós-graduação da USP”, sendo que os serviços se estendem aos alunos intercambistas vinculados a instituição. O ESM possui espaço próprio, porém provisório, sendo localizado na Superintendência de Assistência Social (SAS), no campus Cidade Universitária, no bairro Butantã, da capital São Paulo.

O site oficial do ESM informa ainda, que não encaminha alunos para atendimento psicoterápico no momento, mas oferece a participação em pesquisas clínicas, bem como atividades em grupo, como é o caso do acolhimento que possui agenda pré-definida com datas, local e horário de realização, sendo uma atividade coordenada por dois psicólogos colaboradores. Estão disponíveis na página, orientações para que os alunos possam solicitar os serviços por meio de formulários eletrônicos, além dos endereços para contato com o programa e outros serviços como o Centro de Valorização da Vida (CVV) que presta atendimentos gratuitos de informação e orientação através do número 188.

No mesmo contexto se dá a criação da DASU, no âmbito da UNB, universidade que enfrenta um dos contextos mais críticos no que tange a saúde dos estudantes e registrou, nos últimos anos, vários casos de suicídio de alunos. Criada em abril deste ano a DASU está vinculada ao Decanato de Assuntos Comunitários (DAC) sendo a mais nova das diretorias que compõem o decanato, sendo um total de cinco diretorias e uma coordenação. De acordo com o site oficial do DAC - UNB, a DASU se propõe a coordenar políticas e estratégias de cuidado e atenção à saúde e a qualidade de vida da comunidade acadêmica. Entre suas atividades estão a prevenção e promoção de saúde e atenção psicossocial. Sua atuação é intersetorial, tendo em vista propor conjuntamente boas práticas, construir redes de apoio e implementar os princípios de uma “Universidade Promotora de Saúde (UPS)”.

Dentre as ações realizadas pela DASU desde sua criação, destacam-se os eventos da campanha nacional do movimento Setembro Amarelo, voltada à prevenção do suicídio, palestras, rodas de conversa e atividades artísticas e culturais durante o mês de setembro e a participação em outros eventos como a Semana Universitária com dia temático “o bem-viver” e o “Dia da saúde mental e do Bem-estar”. Em matéria sobre atividades de extensão, o portal UNB Notícias informa que a diretoria está realizando um mapeamento de boas práticas de acolhimento em saúde mental no ambiente acadêmico, a fim de dar-lhes maior visibilidade, promover a integração entre a universidade e a rede de cuidado do Distrito Federal, bem como a conscientização da comunidade para o cuidado da saúde mental.

Quanto a UFT, um cenário também preocupante, com casos confirmados de mortes de alunos por suicídio, motivou a criação do Programa de Promoção a Vida e a Saúde Mental - Programa Mais Vida, visando promover ações de prevenção ao sofrimento e promoção da saúde no âmbito da universidade. A partir da criação de uma comissão permanente para a organização do programa, composta por membros gestores e uma equipe de apoio, com servidores representantes de cada um dos sete campus da universidade, buscou-se articulação para disseminar as ações e assim, uma maior abrangência e adesão.

De acordo com sua página oficial, o programa tem como objetivos oferecer estratégias de prevenção e promoção de saúde mental aos estudantes, servidores e trabalhadores terceirizados que atuam na universidade, realizando ações de valorização da vida. Para isso, as ações do programa estão estruturadas nos eixos de (i) prevenção universal; (ii) prevenção seletiva; (iii) prevenção indicada e (iv) intervenção preventiva.

Em seu primeiro ano de atuação, o programa conseguiu realizar atividades importantes, dando os primeiros passos para se estabelecer uma cultura de diálogo sobre saúde mental no âmbito da UFT, com destaque para a primeira edição do evento “Diálogos sobre saúde mental na universidade” que ocorreu em setembro de 2019, marcando as atividades do movimento Setembro Amarelo, mês de conscientização e prevenção do suicídio. Outras ações realizadas como rodas de conversa, palestras nacionais e internacionais ressaltaram a necessidade de se falar sobre o assunto e se constituíram como espaços possíveis para a fala e a escuta.

Diferente dos outros programas citados, o Mais vida não conta com espaço próprio para estruturar-se fisicamente, o que limita sua operação. O programa realiza reuniões mensais na universidade para organização e delimitação das ações e depende do apoio da reitoria e pró-reitorias para sua consecução.

Vale ressaltar, que nas instituições citadas as movimentações no mês de setembro de 2019 foram intensas, em virtude do Setembro Amarelo. Promovendo o diálogo sobre saúde mental no atual contexto em que vivemos, foram realizados eventos como palestras, mesas redondas, momentos de socialização de experiências e compartilhamento de atividades, além de espaços

de fala e debate e atividades culturais. Firmando parcerias e disseminando conhecimento acerca das questões complexas que envolvem o tema, foi possível o intercâmbio entre pesquisadores, professores e profissionais que se dedicam ao tema da saúde mental e a comunidade acadêmica.

Observa-se que cada uma dessas iniciativas e programas propõem a institucionalização de ações que assegurem o cuidado e atenção para com a saúde e bem-estar dos estudantes, tornando-as políticas das universidades, articulando práticas nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão (SILVA ; GHIZONE, 2019).

Percebe-se que as universidades estão reagindo a uma realidade desafiadora, visto que as instituições apresentadas vivenciaram casos recentes de tentativas de suicídio e suicídio de estudantes. As iniciativas propostas visam despertar a comunidade não só para o diálogo e a reflexão sobre saúde mental, mas para ações que possam de fato se materializar em atenção e cuidados com a vida e a promoção de saúde nos espaços acadêmicos.

Ressalta-se a importância da concreta institucionalização dos programas de atenção à saúde nas universidades, como forma de torná-los políticas próprias dessas instituições, compondo os Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI's) e Projetos Pedagógicos Institucionais (PPI's) garantindo assim, que sejam destinados recursos, condições físicas e pessoal para que as iniciativas de cuidado sejam realizadas e mantidas, e atinjam então, sua finalidade principal de promover saúde e prevenir sofrimento e mortes no ambiente acadêmico.

Entretanto, ainda há resistência, tabu e mitos que envolvem e prejudicam o diálogo, o avanço e a efetividades de ações em saúde mental, principalmente em relação ao suicídio, sobre o qual existe um senso comum de que não se pode falar sobre o assunto, pois isso faria com que ocorresse mais casos, porém, ao contrário, é essencial que se fale sobre suicídio para que se desmistifiquem seus conceitos e possíveis causas (CARRASCO, 2019). Outra ideia é de que a maioria dos casos de suicídio ocorrem porque a pessoa encontra-se num quadro de depressão, “todavia o suicídio é um evento multifatorial ou multidimensional, e até mesmo existencial” (SILVA; GHIZONI, 2019, p. 164), pois existem inúmeros fatores na vida de uma pessoa que podem levá-la a tentativas e a conclusão desse ato.

Podemos dizer que esta resistência ao diálogo sobre saúde mental se dá pela via da individualização do sofrimento psíquico pela sociedade de um modo geral, que responsabiliza aqueles que sofrem pelo próprio sofrimento, desconsiderando que fatores como o contexto social, político e institucional também se constituem como formas de produção de sofrimento (LEÃO; IANE ; GOTO, 2019). Os autores apontam ainda, que:

O sofrimento é percebido exclusivamente em sua dimensão individual, é assim externalizado e demanda cuidado também individualizante. Mas não podemos perder de vista que, junto com a dimensão estritamente individual do sofrimento, ele pode estar ligado também a fatores supra-individuais coletivos, institucionais e socioestruturais. Mais do que reconhecer isto é preciso, coerentemente, pensar o fenômeno e as estratégias para lidar (com) ele, de forma a atingir também estas dimensões [...], considerando a complexidade da experiência de sofrimento e o necessário protagonismo dos estudantes (LEÃO, IANE e GOTO, 2019, p. 149).

## **Considerações Finais**

No atual contexto, vimos a necessidade e a urgência de se dar voz a quem vive a universidade e tem sido constantemente silenciado. Infelizmente, constata-se que enquanto sujeitos, todos nós, na comunidade acadêmica e na sociedade contemporânea, estamos sendo silenciados a largos passos, por toda conjuntura social que nos envolve, seja no campo do trabalho, da política, da família, das relações com o outro, nossa subjetividade vai sendo colocada a margem, relegada ao esquecimento. Como resposta a questão norteadora desse estudo, percebe-se que o modo de vida hegemônico, baseado na lógica produtivista que coloniza os espaços acadêmicos associado aos

processos de individualização do sofrimento, implica desdobramentos significados na construção e na qualidade dos processos de subjetivação e de significação de nossas experiências, sobretudo no que se refere a saúde mental.

Nesse sentido, é também urgente repensar a finalidade da Universidade que não é apenas entregar profissionais técnicos para a sociedade, padronizados, performáticos, que não é destruir vidas, mas sim, construir vidas, futuros e possibilidades através dos processos de educação em seu sentido mais amplo. A universidade deve ser capaz de formar para pensarmos em mundos possíveis e novos meios de vidas, onde sejam livres a diferença, os talentos, as habilidades, as singularidades e também os coletivos. Deve ser espaço de resistência, não só de forma reativa ao atual contexto social, mas criativa, capaz de provocar aquilo que se tem e que se sabe fazer de bom, que seja conversar, escrever, dançar, cantar, organizar algo. Por que não promover tudo isso nos espaços acadêmicos, por quem e para quem vive a universidade?

Assim, para Goulart (2019), a Universidade não pode ser vista como um lugar isolado, mas ao contrário, deve estar aberta para a sociedade, pois os processos e problemas da sociedade chegam até o ambiente acadêmico e implicam processos. Desse modo, é necessário ocupar os espaços da universidade principalmente por aqueles que não tiveram acesso a eles ou já estiveram, mas que por alguma condição de saúde mental foram extraídos dali.

Considerando a universidade como palco multivariado de processos de subjetivação fundamentais para a formação de pessoas, não só de profissionais, mas para além disso, a formação de um cidadão ativo, crítico, que pensa e questiona o seu lugar e o seu estar no mundo. Torna-se fundamental reunir esforços para discutir e considerar a subjetividade como uma proposta efetiva de valorização da vida, do sujeito, das histórias de vida e das inúmeras formas como afetamos e somos afetados através dos nossos processos individuais e coletivos. Tendo em vista que, na perspectiva da subjetividade, “a educação ultrapassa a formalidade de processos institucionalizados [...] e volta-se para o favorecimento de novas possibilidades de vida [...] Assim, encontra-se indissociada dos processos de desenvolvimento humano e de construção da cidadania” (GOULART; ALCANTARA, 2016, p. 07)

Para isso, é preciso criar novas formas de resistência aos modelos hegemônicos que estão postos, pensar novas possibilidades de encontros e processos que construam sentidos e (re) significados às nossas vivências e experiências.

Ressalta-se que diante da intensificação assustadora do sofrimento, adoecimento e suicídio entre os jovens universitários, as universidades reagem, ainda que timidamente, avançando em estratégias de cuidado, buscando novas formas de atender os alunos que demandam cuidados em saúde mental e práticas que possibilitem repensar a vida acadêmica, criando formas de sentir prazer apesar das dificuldades do caminho.

Contudo, como apontam Oliveira, Rosa e Nascimento (2019), para que sejam efetivas, as estratégias de cuidado nas universidades não podem ser impostas ou verticalizadas, mas sim, caracterizar-se por ações conjuntas entre a instituição, os estudantes, e a comunidade constituindo-se em espaços onde possam emergir a autonomia e o protagonismo dos sujeitos.

## Referências

ACCORSI, M. P. **Atenção Psicossocial no Ambiente Universitário: Um estudo sobre a realidade dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158800>. Acesso em: 30 Nov. 2018.

AGOSTINI, R. MEC cortará verba de universidade por “balburdia” e já enquadra UnB, UFF e UFBA. **Estadão**. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ANDIFES – Associação Nacional do Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras**. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/>

uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduanso-das-IFES\_2014.pdf. Acesso em: 05 dez. 2019.

BAGGI, C. A. D. S.; LOPES, D. A. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 16, n. 2, p. 355–374, 2011.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES**. Brasília-DF, jul 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm). Acesso em: 10 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnaes>. Acesso em: 10 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **REUNI - Reestruturação e expansão das universidades federais**. Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Setembro Amarelo. **Ministério da Saúde atualiza dados sobre suicídio**. 2017. Slides. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/setembro/20/Coletiva-suic--dio.pdf>. Acesso em 05 dez. 2019.

CARRASCO, Leny. **Suicídio: Palestra de sensibilização e técnicas de manejo sobre suicídio e automutilação para técnicos e docentes**. 11 de jun. 2019. Palestra proferida na Universidade Federal do Tocantins.

DUTRA, E. Suicídio de Universitários: O Vazio Existencial de Jovens na Contemporaneidade. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 12, nº.3, 2012, p. 924-937.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOULART, D. M. **A perspectiva da subjetividade em saúde mental: estratégias, avanços e desafios**. 4 set. 2019. Palestra proferida no evento Diálogos sobre Saúde Mental na Universidade da Universidade Federal do Tocantins.

GOULART, D. M; ALCANTARA, R. de. **Educação escolar e subjetividade: desafios contemporâneos**. Ed. GlobalSouth, 1ª Edição. 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica - n.41. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 01 dez. 2019.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**. Ed. Boitempo. São Paulo, 2019.

\_\_\_\_\_. Escola não é empresa! O ataque do neoliberalismo à educação. **TV Boitempo**. 23 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PbKVCOKdjWg>. Acesso em: 15 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. O ataque estratégico do neoliberalismo à educação. **GGN**, 14 out. 2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/o-ataque-estrategico-do-neoliberalismo-a-educacao-por-christian-laval-2/> Acesso em: 05 dez. 2019.

LEAL, K. S. et. al. Desafios enfrentados na Universidade pública e a saúde Mental dos estudantes. **Rev. Humanidades e Inovação**. v. 6, n. 9 vol. 1, 2019.

LEÃO, T. M.; IANE, A. M. Z.; GOTO, C. S. Individualização e sofrimento psíquico na universidade: entre a clínica e a empresa de si. **Rev. Humanidades e Inovação**. v. 6, n. 9 vol. 2, 2019.

MENDONÇA, H. Negros são maioria nas universidades públicas do Brasil pela primeira vez. **El País**, Brasil, 13 nov. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039\\_261472.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039_261472.html). Acesso em: 14 nov. 2019.

OLIVEIRA, R. M.; ROSA, C. M.; NASCIMENTO, A. C. P. 2019. Os grupos psicoterapêuticos como ferramenta para a redução do sofrimento psíquico nas universidades. **Rev. Humanidades e Inovação**. v. 6, n. 9 vol. 2, 2019.

Organização Pan-Americana de Saúde. Organização Mundial de Saúde. **Folha informativa: Saúde mental dos adolescentes**. Abr. 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839). Acesso em: 04 dez. 2019.

SANTOS, H. G. B. dos; MARCON, S. R.; ESPINOSA, M. M.; BAPTISTA, M. N.; PAULO, P. M. C. de. Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. v. 25, p. 1-8, 2017.

SILVA, J. V.; GHIZONI, L. D. **Dificuldades, sofrimento e prazer na vida acadêmica: um estudo com estudantes de administração e jornalismo**. IV Jornada Interdisciplinar PPGCOM/UFT. Anais. 2019.

TORRES, J. F. P. **Os desafios da saúde mental no contexto universitário**. 19 out. 2019. Palestra proferida no Centro Universitário Luterano de Palmas.

UNB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Felicidade se estuda na faculdade. **UnB Notícias**, Brasília, 18 jul. 2018. Disponível em: <https://noticias.unb.br/publicacoes/67-ensino/2392-felicidade-se-estuda-na-faculdade>. Acesso em: 20 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Unidades de acolhimento e atendimento psicológico UnB**. Disponível em: [http://www.noticias.unb.br/images/Noticias/2018/Documentos/09072018\\_AcolhimentoPsicologicoUnB.pdf](http://www.noticias.unb.br/images/Noticias/2018/Documentos/09072018_AcolhimentoPsicologicoUnB.pdf). Acesso em: 01 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Saúde mental é ponto de atenção na Semana Universitária. **UnB Notícias**, Brasília, 24 set. 2019. Disponível em: <https://www.noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/3240-saude-mental-e-ponto-de-atencao-na-semana-universitaria>. Acesso em: 01 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Desafios do cuidado com a saúde mental e a qualidade de vida na Universidade de Brasília. **UnB Notícias**, Brasília, 25 jun. 2018. Disponível em: <https://www.noticias.unb.br/artigos-main/2365-desafios-do-cuidado-com-a-saude-mental-e-a-qualidade-de-vida-na-universidade-de-brasilia>. Acesso em: 01 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Edital nº 01/2019 - **Mapeamento de espaços de cuidado**. Brasília, 26 ago. 2019. Disponível em: [http://dac.unb.br/images/EDITAIS/DASU/2019/Edital\\_012019\\_Mapeamento\\_de\\_espacos\\_de\\_cuidado.pdf](http://dac.unb.br/images/EDITAIS/DASU/2019/Edital_012019_Mapeamento_de_espacos_de_cuidado.pdf). Acesso em: 01 dez. 2019.

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escritório de Saúde Mental da USP atende alunos em sofrimento. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 ago. 2018-a. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/escritorio-de-saude-mental-da-usp-atende-alunos-em-sofrimento/>. Acesso em: 01 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Pró-Reitoria de Graduação lança oito novas disciplinas este ano. **Jornal da USP**, São Paulo, 23 abr. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/pro-reitoria-de-graduacao->

lanca-oito-novas-disciplinas-este-ano/. Acesso em 01 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Escritório de Saúde Mental: **Prevenção e Orientação**, 2018. Página inicial. Disponível em: <https://sites.usp.br/esm/prevencao/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

UFT - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Programa Mais Vida – Programa de Promoção a vida e a saúde mental**. Página inicial. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/programa-mais-vida>. Acesso em: 20 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 559, de 11 de abril de 2018. **Institui no âmbito da Universidade Federal do Tocantins, a comissão gestora do programa de promoção à vida e à saúde mental**. Palmas-TO, 2018. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/C0oMph3cR9uinBXiqGe7Hw/content/Boletim%20Interno%20n%C2%BA%2045%20-%2011%20de%20abril%20de%202018.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Disciplina optativa desenvolve atividades envolvendo a comunidade universitária. **Últimas notícias**. Palmas, 28 nov. 2019. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/26610-disciplina-optativa-desenvolve-atividades-envolvendo-a-comunidade-universitaria-2>. Acesso em: 05 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Programa mais vida realiza oficina de clínica do trabalho e cuidado em saúde mental. **Últimas notícias**. Palmas, 30 out.2019. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/26422-programa-mais-vida-realiza-a-oficina-de-clinica-do-trabalho-e-cuidado-em-saude-mental>. Acesso em 10 nov. 2019.

Recebido em 21 de dezembro de 2019.

Aceito em 22 de setembro de 2021.